

PÁSCOA 2020 - «VIVO, JÁ NÃO EU, ÉS TU QUE VIVES EM MIM»

5. «A mudança é uma abertura»

À espera da assembleia por videoconferência com Julián Carrón, no próximo dia 21 de maio, propomos para esta semana a comparação com um trecho da última Escola de Comunidade com Pe. Carrón por videoconferência (6 de maio de 2020), deixando-nos guiar por esta pergunta: «**O que nos permite abrir-nos para a realidade?**».

Vou contar brevemente sobre as últimas semanas. O nível do desafio é cada vez mais alto para mim! Nestes dias, muitas vezes pensei que gostaria de estar em outro lugar: com a minha família (entre outras coisas, alguns dias atrás nasceu meu sobrinho), com os amigos ou simplesmente cuidando das minhas coisas. Uma manhã, acordei e percebi que estava na defensiva. Mas introduziu-se uma hipótese diferente.

Este é o ponto! Você pode se levantar estando “na defensiva”, mas a questão é se deixa entrar “uma hipótese diferente”.

Ou melhor, uma pergunta sobre a realidade que me esperava além da porta do meu quarto: “Do que você tem medo? Você acha que, mesmo aqui, hoje, não pode haver algo para você?” Senti uma gratidão imensa por esse olhar diferente que sempre me é oferecido como possibilidade, porque se introduziu na minha vida. Se também hoje quero viver a vida como significado, não tenho outro lugar a não ser as circunstâncias que me são dadas. Aquele dia não foi um esforço, não foi um aguentar até finalmente poder fazer o que desejo. Foi um viver livre, cheio apenas do desejo e da curiosidade pelo que havia para mim. Intuo que está em jogo uma coisa muito preciosa para mim. A pior coisa que poderia me acontecer seria começar a viver validando a minha visão das coisas e não vendo mais a realidade. Desejo com todo o coração deixar-me desafiar pela realidade, assim como é, sem atenuar o impacto. Por exemplo, me propuseram mil encontros e jogos virtuais com os amigos... Um pouco, pode ser divertido, mas prefiro não reduzir o drama da falta, da nostalgia e deixar-me sacudir até o fundo. A primeira graça que vejo na minha vida é minha mudança, saber estar diante da circunstância que me foi dada. E, depois, o surgimento de pedidos, sobretudo o pedido de abertura, não só a dizer sim a fazer certas coisas, mas mais profunda: uma abertura a permitir realmente a colocação da pergunta: “Você me ama? Há algo que você defende de Mim porque tem medo de que ali Eu não possa vencer?” Essa abertura última me parece a coisa mais preciosa em jogo para mim, esta moralidade, como a chama o texto da Escola de Comunidade. Não sabe como sou grata pelo fato de que há alguém que continua mantendo vivo esse desejo de vida verdadeira, em qualquer lugar e sempre, que quer que eu esteja viva e aprofunda continuamente o meu olhar, continuando a me fazer, de mil maneiras diferentes, mas sempre – no fundo – esta pergunta: “Você me ama? Quer estar Comigo agora, aqui, onde não lhe falta nada se Eu estou presente?” Agradeço por sua grande amizade.

Está vendo? Ninguém garante que nos levantaremos de manhã sem estar na defensiva, mas, de qualquer forma, a pessoa pode abrir-se a uma outra possibilidade e começar a olhar as circunstâncias aceitando deixar-se tocar pelo que vem ao seu encontro, como nos ensina Dom Giussani. E quando não se distrai com outras coisas que pareceriam facilitar a solução, mas aceita a realidade assim como é, começa a dar-se conta de que a mudança não é tanto fazer outras coisas, mas uma abertura, uma abertura ao Tu que vem ao seu encontro naquela circunstância. “Você me ama? Por que tem medo?” Deixar entrar esse Tu, sem suspender a lealdade do olhar a Ele, torna possível o “conhecimento novo”. Sou introduzido nele aderindo a este Tu com toda a minha liberdade.

[...]

É a isto que Dom Giussani quer nos educar: não a buscar um caminho alternativo, dualista em relação à realidade, mas a viver intensamente o real para alcançarmos com o olhar a profundidade das coisas, e dentro dessa profundidade reconhecemos o Tu que as faz. “Mesmo vivendo na carne, [...] vivo pela fé no Filho de Deus’, ou seja, pertencço a um Acontecimento, a uma origem que muda a forma do olhar: a forma do olhar passa a ser a fé” (p. 85). A fé é este olhar até o fundo do real possibilitado por sua Presença, senão o dualismo prevalece. Ao contrário, desse modo, qualquer circunstância ou “a pessoa que tenho à minha frente, quem quer que ela seja, [...] assinala o caminho seguindo o qual chego até Cristo, ao Tu de que todas as coisas são feitas, e por isso tenho por ela estima, respeito, [...] posso adorar o seu rosto” (pp. 85-86). Essa é uma “revolução copernicana”, como você diz. É sobre isso que devemos decidir, amigos: aceitar essa revolução copernicana que Dom Giussani introduz no relacionamento com a realidade para vencer o dualismo ou multiplicar a vida de iniciativas que passam sem deixar rastros. Esta é a nossa contribuição para o mundo, o nosso “sim” a Ele.

Lembramos que, em vista da assembleia, é possível enviar perguntas e testemunhos no site <http://eventi.comunioneliberazione.org/gscontributi/>